

Marco Neves José Cardoso Pires e o leitor desassossegado

Eugenio Lucotti

Università Ca' Foscari Venezia, Italia

Resenha de Neves, M. (2018). *José Cardoso Pires e o leitor desassossegado*. Lisboa: Guerra e Paz, pp. 175.

Passados vinte anos do falecimento, em 1998, de José Cardoso Pires, a sua fortuna crítica apresenta-se multifacetada e condizente com o prestígio de um autor que durante toda a segunda metade do século XX foi uma das vozes mais influentes do ambiente cultural português. Intelectual ativo na luta contra o salazarismo e, após a democratização do país, atento a desmascarar as aporias da nova sociedade, o seu olhar social e político nunca preteriu uma sensibilidade marcadamente novecentista para o questionamento da linguagem literária, resultando na escrita essencial e na palavra polida, elementos distintivos da sua caligrafia. Não admira, portanto, a quantidade de leituras que se têm debruçado sobre os aspetos mais variados desta produção tão densa, encontrando um terreno fértil para diferentes abordagens teóricas e filológicas. Neste panorama, o estudo recente de Marco Neves contribui para a definição da cartografia cada vez mais complexa da recepção de Cardoso Pires ao trabalhar na oposição entre uma visão ideológica e uma pós-modernista dos seus romances.

A semântica geográfica não surge por acaso: *José Cardoso Pires e o leitor desassossegado* procede na análise da obra cardosiana seguindo vários roteiros traçados num «mapa» imaginário que «esconde muito do que nos espera» (22) e busca reconstruir as estratégias narrativas do autor à luz de novas relações hermenêuticas, fazendo do inesperado a marca estilística de



Edizioni
Ca' Foscari

Submitted
Published

2020-03-24
2020-06-19

Open access

© 2020 | Creative Commons Attribution 4.0 International Public License



Citation Lucotti, E. (2020). Review of *José Cardoso Pires e o leitor desassossegado*, by Neves, M. *Rassegna iberistica*, 43(113), 217-220.

Cardoso Pires. O estudioso avalia toda a tradição crítica dialogando com os textos de, entre outros, Maria Lúcia Lepecki, Eduardo Prado Coelho, Petar Petrov, Eunice Cabral, Ana Paula Arnaut e Maria Alzira Seixo, para chegar a uma interpretação que identifica no leitor o alvo privilegiado da tensão autoral em vista da transformação da realidade pelo meio literário. É esta a intuição que sustenta um estudo articulado em cinco capítulos, os primeiros três dedicados aos aspetos teóricos da análise, onde sobressai a ideia de crítica como investigação, o quarto e o quinto a propor uma reflexão sobre os espaços, circulares ou retilíneos, do texto cardosiano.

Após um rápido *excursus* pelas contribuições teóricas que trouxeram à atenção da crítica literária a importância do papel ativo do leitor, observa-se em Cardoso Pires «um conjunto de estratégias para caçar todos os leitores e torná-los ‘leitores modelos’» (47), ou seja, leitores atentos e informados, capazes de participar no processo de significação do texto. Cardoso Pires efetuará assim uma manipulação do horizonte de expectativa do leitor, obrigando-o «a trabalho redobrado para ver o que está por baixo da superfície» (95) e acompanhando-o de facto numa aprendizagem que não é tão-somente finalizada ao texto, mas indica a capacidade da literatura de abrir percepções inéditas da realidade: as «estratégias de actuação no leitor» (21) seriam assim o sinal mais claro do engajamento da literatura cardosiana.

O *desassossego* presente no título, categoria indissoluvelmente ligada à experiência pessoana, transfere-se do autor (ou do semi-heterónimo) para o leitor: este se encontraria envolvido numa cumplicidade nunca confortável com aquilo que o desdobramento narrativo tenciona *mostrar-lhe* mais do que *contar-lhe*. O desassossego torna-se assim o motor da descodificação e reconstrução dos significados, propedêuticas para o alcance de uma consciência renovada face ao mundo. É o caso, dentre outros, do romance policial *sui generis* explorado em *O Delfim* e *Balada da Praia dos Cães*, onde a reversão das coordenadas tradicionais do género provoca um efeito de estranhamento, enquanto o questionamento do contexto que catalisa a ação transcende as regras do jogo literário: «o regresso à ordem habitual existe, mas esse regresso é visto como incomodativo pelo leitor. Assim, este é convidado a mudar as coisas no mundo real» (96).

Sendo este novo modo de olhar para o leitor o fio condutor que norteia a reflexão de Marco Neves, o livro estrutura-se a partir da convergência de tópicos familiares para o romancista como a viagem e a investigação, o desmascaramento das estratégias de poder e a oposição problemática entre aldeia e cidade. A atenção peculiar que Cardoso Pires dirige à cidade de Lisboa tem o poder de desencadear o estudo: em obras como *Balada da Praia dos Cães*, *Alexandra Alpha* e *Lisboa, Livro de Bordo* a cidade torna-se logo objeto de uma *poiesis* voltada a abranger exemplarmente, numa dupla metonímia,

aldeia e país: “temos uma capital à imagem duma aldeia que é Portugal” (115). O autoritarismo no poder condena o país à estagnação até transfigurar a capital sufocando a sua vocação de cidade, que no imaginário cardosiano é espaço de liberdade, possibilidade e vivacidade intelectual, conferindo-lhe as formas de uma grande aldeia: no capítulo *Fuga para a Cidade* Neves aproveita a clássica polarização entre os termos para desvendar o convite de Cardoso Pires a operar um caminho de emancipação que leve “o leitor [a] descobrir a cidade que se esconde (ou que se pode criar) por trás desta aldeia imposta” (141). O percurso da aldeia para a cidade, ou seja, a tensão humanista e emancipadora que busca atingir uma identidade mais livre através das capacidades (cri)ativas do homem, “é uma tentativa de quebrar o círculo, de fecundá-lo para que se avance e mude o mundo – mas esta fecundação e quebra é feita através de mais círculos” (158).

A construção tipicamente cardosiana de enigmas e crimes remete para uma representação da realidade que se dá de facto, como em *Alexandra Alpha*, por *círculos fechados* nos quais se pretende “instaurar uma linha, sem, no entanto, se deixar enleiar em explicações e optimismos históricos despropositados” (142). A noção de linearidade, associada à ideologia, é alvo privilegiado de atenção no estudo em apreço: após ter considerado as suas inevitáveis contradições, evidencia-se o movimento dialético que leva Cardoso Pires a recuperar essa linearidade como único antídoto de que dispõe o leitor para superar a estrutura espiralada da realidade e do romance. Trata-se afinal de uma leitura otimista da poética cardosiana que destaca um forte substrato ideológico e progressivo que rege a substancial autonomia do autor em relação a escolas literárias e a praxe de experimentação estilística, sem desmentir a importância da dúvida frente às certezas. Neves não nega a aproximação do pós-modernismo por parte do autor, mas considera-a unicamente em relação ao uso de determinadas técnicas narrativas; contudo, em relação à sua carga ideológica (ou mais propriamente anti-ideológica), transparece uma consideração da escrita de Cardoso Pires notavelmente afastada desta sensibilidade, a cujos pressupostos de resto não são poupadas críticas.

Ecoando a *Heterodoxia* de Eduardo Lourenço, Marco Neves elaborava uma tensão “que não abdica da ambiguidade, mas não cai na tentação da explicação niilista da obra cardosiana” (155) ao restituir plenamente à interpretação de Cardoso Pires aquele sabor iluminista que o torna um dos mais lúcidos diagnosticadores da sua época. O estudo, portanto, combate ao lado do autor contra qualquer tipo de mistificação irracionalista, rumo ao desvendamento de mitologias textuais evocadoras de outras mitologias, cidadinas ou aldeãs. Na arquitetura literária complexa e questionadora de Cardoso Pires, outro aspeto que emerge nitidamente é a postura determinada em relação à palavra literária. Longe de qualquer ceticismo linguístico, o texto, ao agir sobre o leitor e ao torná-lo consciente, acompanhá-lo-ia num

percurso de progressiva emancipação; a palavra, a narração, encarregar-se-ia, portanto, da tarefa audaciosa de sair de si própria para adquirir um papel ativo na História, o que porventura se afirma como a contribuição mais ressoante do estudo em apreço.